

CEEE/Som do Sul

Henrique Mann



fascículo nº 4

Alto Piva
Luz Menezes



Este projeto foi realizado através da Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, com o patrocínio da Companhia Estadual de Energia Elétrica.



Projeto, Produção, Direção e Edição: Henrique Mann
(todos os direitos reservados).

Músico, produtor e escritor. Natural de Porto Alegre, profissionalizou-se em 1983, desenvolvendo, desde então, intenso trabalho de pesquisa de história da música. Discografia: LP "Quintanares & Cantares", em parceria com o poeta Mario Quintana (1986, relançado em CD, em 1998), CD "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol. I" (1997), "Porto Alegre Boêmia - Um Século de Canções - Vol II" (1998), CD "Norte In Sul" (2000). Livros publicados: "A Música Popular Brasileira em Debate" (Ed. Alcance - 1991) e "Retratos da Vida Boêmia" (Ed. Ampla - 1995). Eleito, em 1999, Presidente da Associação Gaúcha do Disco Independente (Agadisc).

Coordenação Editorial: Mônica Kanitz

Apoio à Pesquisa: Eglê Manssur Anflor e Leandra Vargas

Produção de Pesquisa de Campo: Rosane Furtado Fernandes

Transcrição de Partituras: Michel Dorfman

Revisão: Dione Detanico Buseti

Direção de Arte: Vitor Hugo Turuga

Projeto Gráfico: Fósforo Design Gráfico

Assistência de Arte e Diagramação: Clotilde Sbardelotto

Direção de Fotografia das Capas: Vitor Hugo Turuga

Fotografias das Capas: Nilton Santolin

Retoque Fotográfico, Recuperação de Originais

e Ilustrações Digitais: Vitor Hugo Turuga

Contracapas: Paulo Ricardo Winterle/CEEE, com Charges de Santiago

ALCANCE

Coordenação Gráfica: Rossír Berní - Editora Alcance Ltda.

R. Sto. Antonio, 254/1º andar - 90220-010 - P. Alegre/RS - fone: (51) 3311 1075

www.editoraalcance.com.br / e-mail: alcance@editoraalcance.com.br

Impresso na Gráfica Palotti, em maio de 2002.

Colaboração com Textos: Gilmar Eitelwein, Renato Mendonça, Mônica Kanitz, Juarez Fonseca, Roger Lerina, Kenny Braga, Cláudio Brito, Isabel L'Aryan, Pedro Metz, Mutuca, Ricardo Lima e Margarete Moraes.

Especiais Agradecimentos: Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore (Erací Rocha, Cláudio Knerin, Praxedes e Menini), Museu Hipólito José da Costa (Carlos R.C. Leite e Neusa Valejo), Fundação Vitor Mateus Teixeira (Betha e Teixeira Filha), Paixão Côrtes, Barbosa Lessa, Dedé Ribeiro, Juarez Fonseca, Kenny Braga, Antônio Augusto Fagundes, Sílvia e Lucienne Ruschel, Rogério Piva e família, Airton Ortiz, Pery Souza, Sindicato dos Compositores (Sicom), família Bertussi, Hardy Vedana, Renato Mendonça, Roger Lerina, Marcelo Menna Barreto, Tânia Aquino, Eneida Serrano, Maria da Graça Rodrigues, Flávio Chaminé, Heloy e Tiarajú Fróes, Nelson Coelho de Castro, Luis Gomes, Flávio Mendes, Marcos Souza, Luis Müller, Suzi Rillo, Marcos Borghetti, Patrício Maicá, Lupicínio Rodrigues Filho, Tânia Matte, Teresinha Silveira, Fábio Pedersen Rosa, Guga Munhoz, Sérgio Nunes, Coordenação de Música da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, compositores, músicos, seus familiares e amigos.



Túlío Piva

Na confluência de velhas emoções com insuperáveis saudades, recrio, com a ajuda da memória, meus encontros freqüentes com o Túlío Piva, nos anos 70, em Porto Alegre. Principalmente os encontros ocasionais, nas ruas do centro, e os freqüentes nos dois bares que ele montou, o Pandeiro de Prata e o Gente da Noite, onde eu ia assistir aos shows que ele comandava empunhando um violão, cercado de queridos parceiros. Antes de entrar naqueles espaços iluminados de música e bem querer, a gente podia sentir os eflúvios que emanavam da personalidade do seu proprietário, o branco mais negro do Rio Grande do Sul. E, quando já estávamos lá dentro, não havia hora marcada para sair, porque três armadilhas eficazes prendiam nossos passos nos salões frequentados pelos fregueses das casas do Túlío: o seu repertório, a cordialidade e a educação, que faziam dele um cavalheiro de fina estampa, transitando sorrisos e abraços como se os tivesse em reuniões de família.

Ali estava, no palco, acompanhado pelo "Triunvirato do Samba" (e, muitas vezes, em dueto com Eneida Martins), um dos compositores mais talentosos do Rio Grande do Sul. Um homem simples, gentil, carinhoso, educado e comunicativo. É um belo exemplo de dignidade humana, na defesa de suas idéias e dos seus princípios morais. Boêmio sim, alma enluarada sim, mas também o dono de casa, o pai extremoso e o avô coruja, sempre falando a respeito dos netos músicos, o Rodrigo e o Rogério.

Com a alma do tamanho do município de Santiago, onde nasceu e se criou, o Túlío só podia ter sido o que foi: um grande compositor de sambas (também cultivou outros gêneros), embora carregasse nas veias o sangue italiano gerado remotamente na região de Verona, onde Romeu e Julieta entronizaram na literatura universal, pelas mãos de Shakespeare, o reinado do amor e da paixão. Exatamente como fez o Túlío em suas músicas, onde o toque de romantismo e lirismo faziam lembrar tempos remotos, mais propensos à arte do galanteio. As composições do Túlío, interpretadas por tantas vozes, são um orgulho do cancioneiro gaúcho. E o Túlío, que me rendeu uma pequena biografia e um monumento representado por sua amizade, é imortal, porque, embora não tivesse nascido no morro, tinha um samba para cantar amores.

Esta página é uma colaboração de **Kenny Braga** - Jornalista



Cronologia Biográfica:

Túlio Simas Piva

1915 - Nasce no dia 04 de dezembro, em Santiago do Boqueirão (RS). Filho do imigrante italiano (de Verona) José Piva e da professora Almerinda Simas. A família dedicava-se à empresa José Piva - Comércio e Indústria, fábrica de sabonetes e perfumarias, drogaria e farmácia, que logo se tornaria uma das grandes empresas da região. Túlio e os irmãos ajudavam no atendimento à freguesia. Os Piva valorizavam muito a música das rádios, principalmente as argentinas e uruguaias.



1923/24 - Aos oito anos, começa a tocar gaita de boca, trocada aos doze anos por uma flauta transversal de ébano. Tentava aprender violão no instrumento do irmão Ivo. Acontece que Ivo não sabia afinar o instrumento (e ninguém que eles conhecessem em Santiago) por isso utilizava apenas uma corda. Túlio inventava acordes totalmente aleatórios.

1929 - Depois de iniciar seus estudos na cidade natal, neste ano é matriculado no Colégio Fontoura Ilha, em Santa Maria.

1930 - Transfere-se para o Colégio Anchieta, em Porto Alegre, onde residia em uma pensão à rua Jerônimo Coelho. Durante sua permanência na capital, aprendeu al-

gumas posições e o modo de afinar através de uma publicação de método prático que adquiriu. Nas mesas dos bares e cafés, toma contato, ainda que timidamente, com a boêmia local e seus personagens. Ficou com a cabeça cheia de idéias. Logo abandonaria os estudos, retornando a Santiago para trabalhar com a família.

1931 a 1939 - Túlio torna-se o grande seresteiro de Santiago. Na Praça Velha (atual Moisés Vianna), reunia os companheiros para as sessões musicais que se baseavam em clássicos do cancionero argentino, principalmente o tango. Da praça, seguiam quase sempre para serenatas muito bem aceitas na pacata cidade interiorana. Por este período, passa a apresentar, aos sábados à tarde, o programa "Coisas do Rio Grande", na Rádio Santiago. Data também daí sua amizade com o poeta Aureliano de Figueiredo Pinto, médico, companheiro de serenatas e colaborador do programa.

1940 - Casa-se com Eloísa Tarragô. Até então, a música para Túlio era o tango. Por força de sua vivência interiorana e do programa de rádio que fazia, tinha também contato com a música regional do RS. Contrariando a perspectiva de que o casamento pudesse afastá-lo da música (que era ligada à boêmia), diria mais tarde "*Foi justamente na tranqüilidade do lar que surgiu em mim o compositor. Fiz então meu primeiro samba, Tem que Ter Mulata*". Esta música viria a ter muitas gravações, inclusive nos Estados Unidos e União Soviética.

1950 - Ganha um festival promovido pela Rádio Farroupilha; aliás, ganha dobrado com Melhor Marcha e Melhor Samba.

1951 - Havia um concurso chamado "Em Primeira Audição", na Rádio Nacional do RJ. Esperançoso e entusiasmado, Túlio viaja a Porto Alegre onde procura o grande mestre e maestro Paulo Coelho para fazer a partitura da música a fim de inscrevê-la no concurso. Encontra-o acomodado em um apartamento na Rua da Praia.

Em cinco minutos, o maestro transcreveu melodia e harmonia: *Ficou uma beleza*. Segundo Túlio, é provável que esta tenha sido a última transcrição de Paulo Coelho, que veio a falecer dois meses depois, deixando profunda lacuna na cultura gaúcha. Algum tempo depois de enviá-la ao concurso, para sua decepção, recebeu a partitura de volta com um carimbo: "recusado".

1952 - O "Conjunto Farroupilha" apresenta *Marcha da Cegonha, Mário ou Maria, Camisa Furada e Chofer de Lotação*, de Túlio, na Rádio Farroupilha, repercutindo na imprensa.

1955 - Consegue convencer a família que Porto



Alegre seria o lugar ideal para expandir a empresa. Vislumbrava, porém, a possibilidade de expandir sua música. Logo conseguiria. Instalada na Rua da Praia (Andradas), nº 1674, a Drogaria Piva começa a tornar-se ponto de encontro de artistas e boêmios. Chega a ser citada em coluna do Diário de Notícias por Antônio Onofre: "O Piva, proprietário de uma drogaria, usa e abusa do direito de tocar e compor...". A partir do seu ingresso no Clube dos Compositores, a freqüência à drogaria aumenta. Lupicínio Rodrigues, Glênio Peres, Demosthenes Gonzalez e vários outros expoentes locais são vistos por ali. Sua primeira apresentação "oficial" teria sido a convite de Paulo Diniz no Clube da Chave. Paulo, além de colunista do Correio do Povo, organizava naquela casa o "Encontro com Gente Nova". Quem lá esteve (os jornais da época comentam) ficou impressionado. A apresentação foi encerrada ao som de *Tem que Ter Mulata* e deixou a platéia extasiada. Glênio Peres era um dos presentes e convidou o compositor a apresentar-se no programa "A Saudade Bate à Sua Porta", da Rádio Farroupilha, e assim começa a trajetória de Tullio Piva, que marcaria a música do RS. Logo vê gravada *Tem que Ter Mulata* pelo "Conjunto Melódico Norberto Baldauf", na Odeon, e o bolero *Cigana* com versão em espanhol por Francisco Petróneo. Em datas próximas, *Tem que Ter Mulata* ganharia várias gravações: "Conjunto Farroupilha", pela Colúmbia; Germano Mathias, pela RGE, mais adiante por Elsa Soares, Carmélia Alves e Caco Velho, pela Copacabana, em um disco com outras músicas de Tullio.

1956 - Por influência do diretor da Rádio Gaúcha, Silvio Motola, Tullio faria temporada memorável em Montevideo, apresentando-se em rádios e casas de espetáculo. Lá veria *Tem que Ter Mulata* cantada pelos grupos carnavalescos (que os uruguaios chamam de murga). Os jornais locais comparavam-no a Noel Rosa. Aliás, a popularidade de *Tem que Ter Mulata* era tanta, que, em Jerusalém, o empresário Walter Herz foi saudado pela cantora de uma

boate com o samba de Tullio. Em maio, é contratado pela Rádio Gaúcha; ali ampliaria sua popularidade com execuções ao vivo.

1960 - Conhece Elis Regina, de quem se tornaria amigo e conselheiro. No futuro, Elis gravaria duas de suas músicas: *Silêncio* e *Mundo de Paz*.

1962 - Dentre seus muitos amigos, um era para Tullio muito especial: o nacionalmente renomado compositor Luiz Vieira. Entre as muitas demonstrações de lealdade entre ambos, uma seria decisiva em sua carreira. Vieira tentou encaixar Tullio no programa "Brasil 62", apresentado por Bibi Ferreira na TV Record, em que ele próprio iria se apresentar. O produtor Manoel Carlos, alegando que o programa já estava fechado, pediu para protelar o convite a Tullio. Vieira então colocou Tullio no seu lugar, abrindo mão de apresentar-se em programa de repercussão nacional. Foi o primeiro cachê relevante de Tullio.

1963 - Os boêmios de Porto Alegre organizam uma festa no bar Mil e Uma Noites, para homenagear Antonio Onofre, boêmio, jornalista e motor cultural, dando-lhe o título de "Dono da Noite". Cada amigo teria de levar-lhe um presente. Tullio compõe como presente um samba que começava assim: "*Dono da Noite, que não ligas preconceito, tens estrelas na alma, e a lua dentro do teu peito*". A cantora Dorinha Freitas estava na festa e, como todos, adorou o samba, pedindo para gravá-lo. Solicitou, porém, que o autor desse um enfoque menos pessoal à letra. Na mesma noite, Tullio pediu licença ao homenageado, e refez a letra tal como hoje é nacionalmente conhecida: "*Gente da noite...*".





1968 - Vence o II Festival Sul-Brasileiro da Canção com *Pandeiro de Prata*. Apoiado pelo conjunto "Tempo Seis" e por percussionistas de escola de samba, Túlio arrebatou o público de 5 mil pessoas do G.N.União que, ao final, cantou junto várias vezes a música e carregou-o nos braços. A Zero Hora diria "Foi uma das maiores consagrações populares prestadas a um compositor gaúcho". Consagrado aqui, Túlio parte para disputar o Brasil Canta no Rio (da TV Excelsior), com o mesmo samba. Era considerado o favorito até pela imprensa carioca; 23 mil no Maracanãzinho. No meio da apresentação, o som desaparece. Teria sido sabotagem? Até hoje paira esta dúvida, mas o fato é que venceu *Modinha* de Sérgio Bitencourt, e foi tão constrangedora a situação, que componentes da Mangueira fizeram uma homenagem a Túlio, pedindo desculpas em nome da população do Rio. Porto Alegre magoou-se junto com Túlio e correu a ampará-lo com várias homenagens. Jair Rodrigues grava *Pandeiro de Prata*, consolidando seu sucesso.

1975 - Túlio havia vendido a Drogaria Piva em 1973, e há quatro anos fazia o programa "Gente da Noite", agora pela Rádio Difusora. O público pedia por carta e telefone os sucessos da velha guarda. Sua popularidade estava no ápice. Resolve abrir um bar na av. Protásio Alves, 340, o Pandeiro de Prata, onde ele e o conjunto "Triunvirato do Samba" (Lúcio Cavaquinho, Fabrício e Cabeça) marcariam época. Foi uma verdadeira instituição na noite da cidade. A experiência foi tão bem sucedida, que em outubro abre um segundo bar. Desta vez em sociedade com Lúcio Cavaquinho, o Gente da Noite. Se o anterior foi importante, o segundo tornou-se uma das principais casas noturnas de Porto Alegre em todos os tempos. Estabelecido na João Pessoa, 1411, por ali passaram artistas



Túlio com Eneida Martins

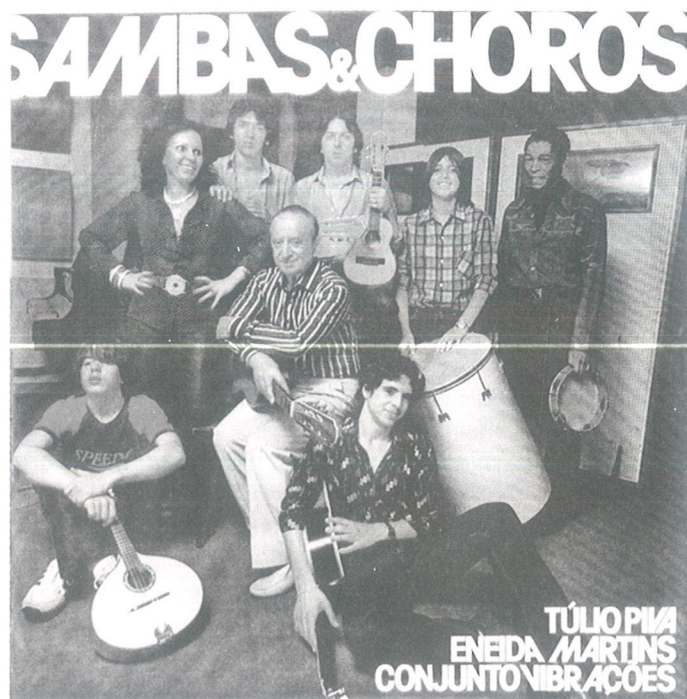
de renome; foi mercado de trabalho referencial para todos os músicos gaúchos da época.

Grava seu primeiro LP *Túlio Piva*, pela Continental.

1977 - Grava o segundo LP *Gente da Noite* com a cantora Eneida, produzido por Ayrton dos Anjos, com Plauto Cruz na flauta, e a turma do "Triunvirato do Samba" (Chantecler).

1978 - Exitosa temporada no Teatro Jogral de SP, fundado por Marcos Pereira, onde só se apresentavam figuras consagradas da MPB. Foi para ficar duas semanas, ficou um mês.

1979 - Lança o LP *Pandeiro de Prata*, pela ISAEC.



1981 - Lança o LP *Sambas & Choros*, independente. Este disco traz, além das participações de gente como Plauto Cruz, Eneida e Cláudio Barulho, uma coisa mais do que especial, o conjunto "Vibrações", liderado pelos netos Rodrigo (18 anos) e Rogério (15 anos). Era o encontro de três gerações. Na formação do "Vibrações", por exemplo, estava o percussionista Giovanni Berti (14 anos) que depois se destacaria acompanhando muitos nomes de ponta da música do RS e recebendo muitos prêmios de instrumentista. Os netos também seriam grandes músicos: Rogério, considerado um dos grandes instrumentistas de cordas do estado, e Rodrigo, compositor e resgatador da obra do avô.

1983 - Fecha o Gente da Noite. Não que não fosse mais sucesso; é que Túlio, bom administrador, estava

cansado de tanto trabalho.

1984 - Em 12 de abril, recebe o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre, pela Câmara de Vereadores.

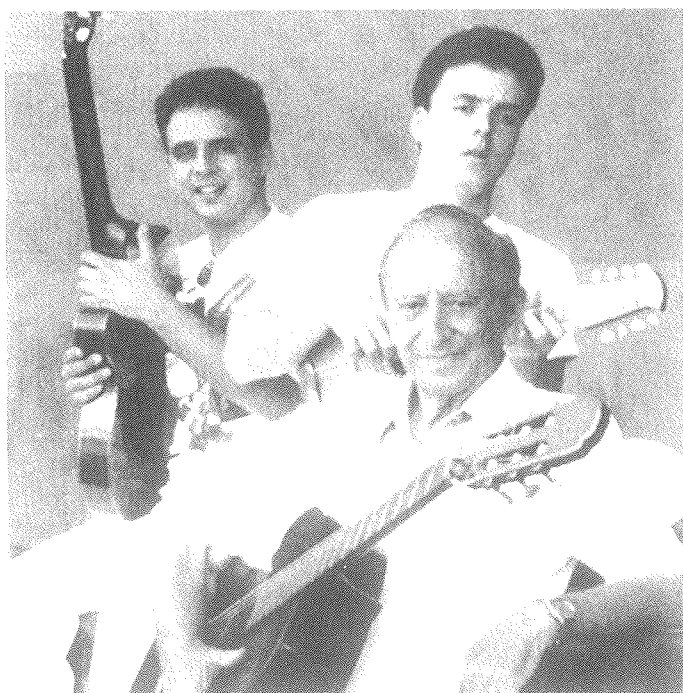
1985 - Publicada sua biografia na "Coleção Lua Branca", pelo jornalista Kenny Braga (de onde saíram muitos dos dados aqui publicados).

1990 - Um grande show no Teatro Renascença faz uma releitura de sua obra. O "Bando Barato pra Cachorro", liderado pelo músico e jornalista Arthur de Faria, conta com a participação direta de Túlio e dos netos Rogério e Rodrigo, além de Plauto Cruz e Giovanni Berti.

1993 - Falece de câncer, no Hospital da PUC.

1995 - Em disco produzido por Rodrigo e Rogério Piva, através do Fumproarte, a obra de Túlio é transformada em CD, entre canções inéditas e trilhas originais. Túlio havia deixado uma caixa com fitas de sambas inéditos que a família chama carinhosamente de "baú do Túlio". Documento histórico! Rodrigo Piva, dando continuidade à saga do avô, grava seu CD solo *Contraste Brasil*, com composições próprias.

1999 - A Prefeitura de Porto Alegre reinaugura o Teatro de Câmara com o nome de Túlio Piva. Em grande show, são novamente reunidos os netos, os amigos e companheiros da vida deste que foi um dos maiores nomes da história da música do Rio Grande do Sul.



Com os netos, Rodrigo e Rogério.



Túlio com o violonista Baden Powell.

Em abril de 1984, ao receber o título de Cidadão Emérito de Porto Alegre, Túlio agradeceu com um samba:

“Quem sou eu
pra receber tão alto prêmio,
que será que eu fiz,
será que foi só porque eu fui boêmio?”

Mas se por ventura foi
pelos sambas que eu faço,
eu deixo aqui,
pra vocês, meu grande abraço.

Esta homenagem que vocês me dão,
eu vou guardá-la no coração.
Obrigado, por meus sambas e por mim.

É por isso que agora
eu estou cantando assim”



Depoimentos

Extraídos do livro de Kenny Braga, do depoimento à OMB em 1985, de revistas e de jornais.



Túlio ao violão, com Lupicínio, Vinícius de Moraes e Dorival Caymmi. Sem dúvida, uma roda da pesada.

" O samba é um gênero muito forte, porque tem raízes profundas e não é fácil erradicá-lo da cultura brasileira. Eu diria à juventude que procure sentir mais a beleza do samba, porque é a música mais pura e uma das mais belas do mundo. É a forma musical que está vinculada a toda a nossa história e é a base de tudo o que existe hoje em música popular brasileira.

Eu nasci sambista. Tudo o que eu fiz foi alicerçado em ritmo. Na mão direita, ao violão, eu procuro fazer o tamborim e o surdo."

" Pandeiro de Prata contribuiu para o meu sucesso pelo menos na minha terra. No festival lá no Maracãzinho, o som dos retornos foi cortado durante a apresentação. Apesar das explicações deles, eu sempre atribuí aquilo a um boicote. Mas tive a compensação com o carinho do povo de Porto Alegre e do Rio Grande que me apoiou e prestigiou naquela hora difícil."

" No bar Gente da Noite, foram dez anos que enriqueceram a minha vida, porque a noite estimula e predispõe a gente a continuar a compor. A maior parte da minha música nasceu dentro do Gente da Noite."

" A vida boêmia nunca interferiu no lado do comércio farmacêutico. Eram dois mundos completamente diferentes, mas eu sempre soube manter uma convivência pacífica entre eles. O apoio da família foi fundamental para isso."

" O momento mais emocionante da minha vida de compositor foi na vitória de Pandeiro de Prata no festival aqui em Porto Alegre. Eu fui carregado nos braços pela juventude em uma época em que já tinha gente que dizia que estava ultrapassado, que era "quadrado", um sambista antigo. Ficou provado que a juventude prestigiava a música popular brasileira na sua forma mais autêntica e se valeu da vitória da minha música para demonstrar isso. Foi emocionante."

" Sempre tive como filosofia de vida que um homem nunca deve se sentir totalmente realizado. Hoje, quase aos setenta anos, sinto-me altamente compensado e gratificado por tudo o que fiz. Tudo o que sonhei na mocidade consegui realizar e tenho dois netos que são grandes músicos, para quem passei a bandeira da vocação musical. Sou um homem tranquilo e feliz."



Tem Que Ter Mulata

Samba

Letra e Música:
Túlio Piva

The musical score is written on ten staves in treble clef, with a key signature of one sharp (F#) and a time signature of 2/4. The melody begins with a quarter rest, followed by a quarter note G4, a quarter note A4, and a quarter note B4. A repeat sign follows. The melody continues with eighth and quarter notes, often beamed together, and includes various ornaments like grace notes and slurs. The piece concludes with a double bar line and repeat dots.

Transcrição de partitura por Rogério Piva.



Pandeiro de Prata

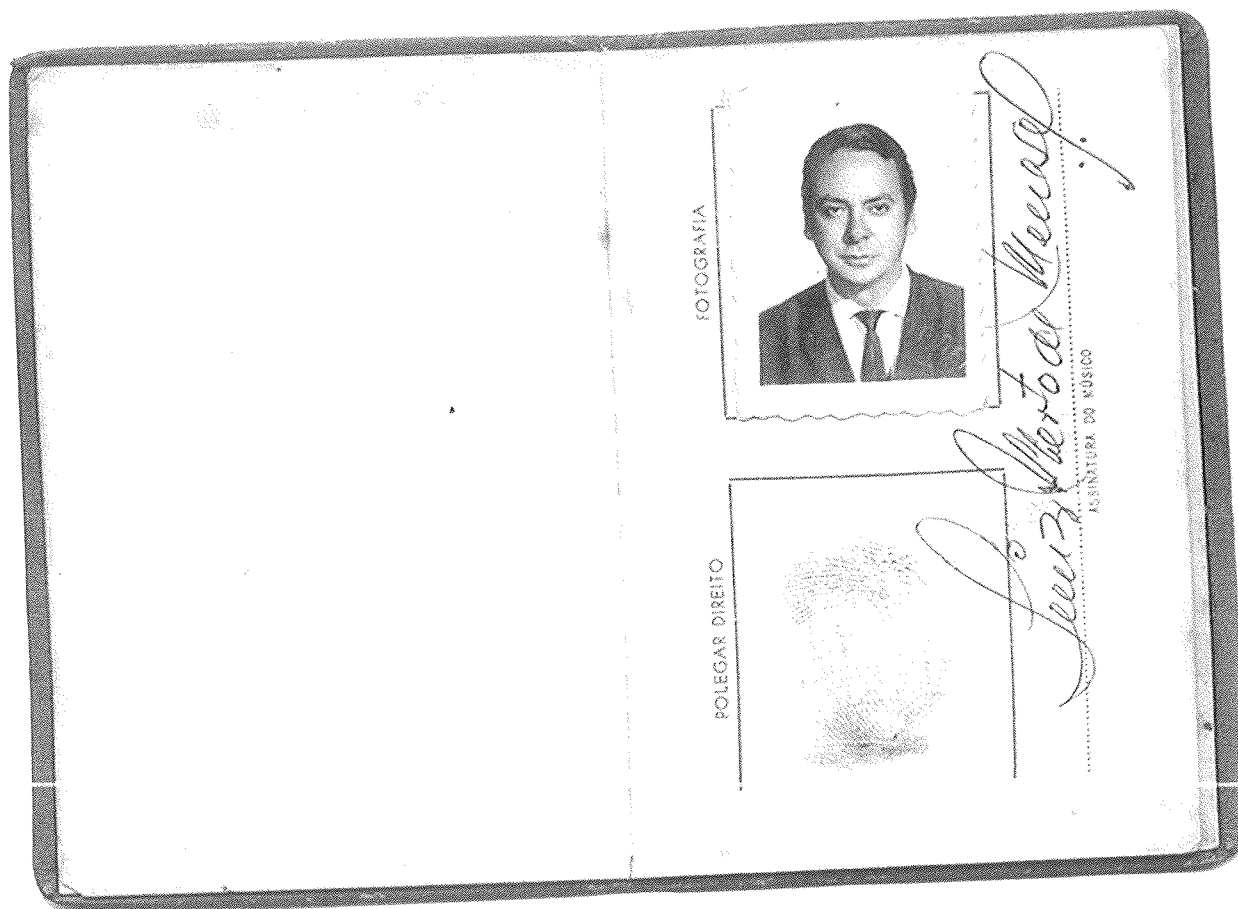
Samba

Letra e Música:
Túlio Piva

The musical score is written in 2/4 time and consists of ten staves of music. The first staff begins with a treble clef, a 2/4 time signature, and a key signature of one flat (B-flat). The melody starts with a quarter rest, followed by a quarter note G4, a quarter note F4, and a quarter note E4. A repeat sign follows. The second staff continues the melody with quarter notes D4, C4, B3, and A3, followed by a quarter rest, a quarter note G4, and a quarter note F4. The third staff is marked with a first ending bracket and contains quarter notes E4, D4, C4, B3, A3, G4, F4, and E4. The fourth staff is marked with a second ending bracket and contains quarter notes D4, C4, B3, A3, G4, F4, and E4. The fifth staff continues with quarter notes D4, C4, B3, A3, G4, F4, and E4. The sixth staff has a quarter rest, a quarter note G4, a quarter note F4, and a quarter note E4. The seventh staff has a quarter note D4, a quarter note C4, a quarter note B3, and a quarter note A3. The eighth staff has a quarter note G4, a quarter note F4, a quarter note E4, and a quarter note D4. The ninth staff has a quarter note C4, a quarter note B3, a quarter note A3, and a quarter note G4. The tenth staff concludes with a quarter note F4, a quarter note E4, and a quarter note D4, followed by a double bar line.

Transcrição de partitura por Rogério Piva.

Luiz Menezes



A Milonga em Português

Uma carreira longa e plena de realizações como a de Luiz Menezes é difícil de reduzir a poucas palavras. Este filho de Quaraí teve atuação fundamental para a cultura do Rio Grande do Sul como cantor, compositor, poeta, radialista e apresentador de TV. Publicou livros, foi presidente e vice-presidente da Ordem dos Músicos, Secretário Municipal da Cultura de sua terra natal e assumiu vários cargos de chefia no funcionalismo público estadual. Sua trajetória, marcante na comunicação gaúcha, começa no início dos anos 50, ao lado do pioneiro do gauchismo no rádio, o poeta Lauro Rodrigues. Dono de voz grave e aveludada, Luiz saía-se muito bem ao violão, logo consagrando-se junto ao público. Depois tornou-se parceiro de Darcy Fagundes no "Grande Rodeio Coringa", principal programa temático da história de nosso rádio, e acabou por dirigir seus próprios programas em rádio e TV. Sua obra musical é clássica na cultura sul-rio-grandense: *Chininha Linda*, *Missioneiro* e *Cabra Gaudério*, em parceria com Lauro Rodrigues, *Maria* e *Rodeio*, com Nico Fagundes, *Oração Crioula*, *Cantiga da Saudade* e a seminal *Piazito Carreteiro* estão historicamente incorporadas ao nosso cancioneiro. Há, no entanto, uma canção que pode bem simbolizar a importância de Luiz Menezes: *Milonga de Contrabando* é reconhecida como a primeira milonga composta em português ou, pelo menos, que tenha sido veiculada em rádio e publicamente reconhecida como tal. A história inusitada desta canção será descrita neste fascículo. Cabe, no entanto, ressaltar que só o fato de Luiz Menezes ser o precursor da milonga que hoje praticamos, desde os missioneiros até Vitor Ramil ou Bebeto Alves, já pode dimensionar a ação deste compositor. O "Magro", como o chamavam os companheiros de juventude, já naquela época não dava bola para debates sobre "autenticidade" ou "aculturação". Fazia sua música usando a alma e pronto. Queria ser romântico, gaúcho e "milongueiro de três bandeiras". Hoje, aos 80 anos, radicado na sua Quaraí, dá-nos uma aula de música. Depois de muito discorrer sobre vários temas (e tocar também), pergunta: "Por que, usando bombachas, eu não poderia cantar a ternura do homem?".



Cronologia Biográfica: Luiz Alberto Menezes Luiz Menezes

1920 - Nasce a 20 de fevereiro, na cidade de Itaqui, filho de Franklin Peralta de Menezes e Carlota Carvalho de Menezes.

1940 - Transferido como cabo do exército para o Quartel General da 3ª Região Militar. Deixa Quaraí rumo a Porto Alegre com o firme propósito de ser músico profissional.

1941 - Dá baixa do Exército, emprega-se no DAER, sendo deslocado para trabalhar em Santa Bárbara do Sul. Lá permanece por poucos meses. O desejo de tocar em Porto Alegre falou mais alto. Teve de vender o violão para custear a volta.

1942 - Entra para a Cia. Carris, no cargo de Recebedor, onde permanece por um ano em trabalho noturno.

1943 - Casado, começa uma "série" de sete filhos. As responsabilidades da condição de chefe de família o obrigam a trabalhar como representante de laboratório na firma J. Fischer. Nas constantes viagens, tocava sempre o seu violão e cantava onde pudesse.

1945 - Quando possível, batia o ponto nos finais de tarde na Casa Beethoven (Galeria Chaves), freqüentada por vários artistas do rádio, onde se apresentava o jovem pianista Baldauf. Ali conhece o ator e cantor de tangos,



No Programa *Fogo de Chão*, com Elma Santana e Rodi Borghetti.

Carlos Carrie, que o convida para acompanhá-lo ao violão.

1946 - Estuda violão com o concertista Manoel Garcia. Para pagar os estudos, tocava violão como acompanhante do professor, na loja de instrumentos Casa Mariante, na Rua da Praia.

1950 - Forma, com o castelhano Posada e os irmãos Simões Pires, um grupo de guitarristas com a finalidade principal de acompanhar o cantor Carlos Carrie. Estréiam na Rádio Farroupilha, mas a empreitada dura pouco. Luiz decepçiona-se e decide desistir da carreira.

1951 - A decisão do ano anterior foi suplantada pelo convite de Lauro Rodrigues para ingressar na Rádio Gaúcha, em seu programa "Campereadas". O poeta Lauro já era o principal nome do rádio em música gaúcha. Sua carreira vinha de 1935, já havia sido diretor de rádio e um dos criadores do primeiro programa gauchesco, o "Fogão Gaúcho". Lauro também era conhecido como compositor das letras musicadas pela dupla Zé Bernardo e Osvaldinho, remanescentes do "Quarteto dos Tauras" de Pedro Raymundo, que faziam sucesso naquele início de caminho da música regional.

Assim, Luiz Menezes abre sua jornada na música do Rio Grande. Começa compondo, em parceria com Lauro Rodrigues, canções como *Chininha Linda*, *Missioneiro* e *Cabra Gaudério*. Fazia também as vezes de locutor junto ao titular do programa, mas acabou alcançando brilho próprio com composições como *Oração Crioula*, *Cantiga da Saudade* e *Piazito Carreteiro*, um dos grandes clássicos do cancionero gaúcho.

1954 - Passa em concurso para Oficial Administrativo do Estado, em primeiro lugar. Assume funções no Departamento de Rios, Portos e Canais, onde conhece



Paulo Ruschel e, com este grande compositor e escultor, debate longamente a renovação e uma dimensão nacional para a nossa música regional. Prossegue trabalhando na Rádio Gaúcha. É reconhecido não só pela música de cunho gauchesco, mas também como compositor e cantor romântico de voz grave e cativante. Tem seus contos e poemas publicados em jornais, com o apoio de Antônio Augusto Fagundes, seu amigo, incentivador e parceiro, em várias composições, como *Maria e Rodeio*.

1956 - *Piazito Carreiro* é gravada pelos conjuntos "Farroupilha" e "Os Gaudérios". Ambas as versões repercutem bem no Rio Grande, mas a gravação do "Conjunto Farroupilha" entra na parada de sucessos do Rio de Janeiro (uma façanha) e é gravada até mesmo na França, por orquestra local em seleção de cancionário mundial.

Com Cléber Mércio e Lidinho, cria o trio "Os Tapejaras", com o qual ganha o título Revelação de 1956, dado aos artistas do rádio na época.

Transferido para o Depto. de Diversões Públicas, assume o cargo de Comissário. Neste departamento, exerceria várias funções de chefia até aposentar-se.

1957 - Já era um nome consagrado na Rádio Gaúcha. Darcy Fagundes apresentava o "Grande Rodeio Coringa", programa criado por Paixão Côrtes na Rádio Farroupilha, que fazia o maior sucesso no meio tradicionalista. Os nomes que passavam por este programa logo consagravam-se. Com a saída de Paixão, Darcy precisava de um nome forte para o lugar; afinal, o titular anterior era o nome mais respeitado do tradicionalismo, formando ao lado de Barbosa Lessa o próprio cerne do movimento. Luiz Menezes foi procurado por Darcy, já seu amigo e ad-



Com Darcy Fagundes no programa Grande Rodeio Coringa.



mirador, aceitando a proposta.

Conta, hoje, que a direção da Rádio Gaúcha chamou-o para conversar, mas ao saber do valor oferecido pela concorrente, o chefe disse: "Então vai". Daí Luiz Menezes e Darcy Fagundes formam uma das duplas de maior sucesso na história do rádio gaúcho. Menezes atua como redator, locutor, rádio-ator, cantor e violonista. Criam vários quadros, entre eles, o mais esperado, quando Luiz tocava para que Darcy declamasse, logo iniciando a cantar em cima do tema musical. O quadro era "Momento Romântico" e fazia enorme sucesso. Luiz Menezes torna-se campeão de cartas do público feminino. Com Darcy, faria muitas apresentações em Santa Catarina, Paraná e São Paulo.

1960 - Deixa a Rádio Gaúcha, assumindo, logo depois, o programa diário "Fogo de Chão", na Rádio Difusora.

1967 - Assume a vice-presidência da Ordem dos Músicos/RS. A UNESCO escolhe a canção *Piazito Carreiro* para representar o Brasil em LP, coletânea para arrecadação de fundos a crianças carentes. Luiz cede os direitos da gravação feita pelo conjunto "Os Gaudérios". Recebe da comunidade de Quaraí um violão. Esta homenagem foi uma das que mais tocou o compositor, porque o instrumento foi comprado através de uma coleta de fundos em que toda a comunidade se envolveu.

1972 - Recebe a medalha Negrinho do Pastoreio.



No programa "Fogo de Chão", com Marlene Pastro.

Participa da Califórnia da Canção, apresentando-se com voz e violão.

1976 - É lançado, pela Copacabana, seu primeiro LP *Tropa Amarga*, em parceria com Darcy Fagundes.

1977 - Pela Continental, sai o LP *Luiz Menezes e Suas Cantigas*.

1981 - Assume na TV Bandeirantes o programa "Fogo de Chão", onde trabalhou por seis anos. Recebe a comenda Estância do Minuano, homenagem da Tertúlia de Santa Maria.

1982 - Lançado pelo selo discográfico da Bandeirantes o LP *Fogo de Chão*, com canções de Luiz Menezes.

1985 - Recebe o prêmio especial da Califórnia da Canção, 30 anos de Nativismo.

1986 - Agraciado com o troféu Salamanca do Jarau, da Prefeitura de Quaraí.

1987 - Deixa a TV Bandeirantes e passa a trabalhar como assessor do Deputado Cícero Vianna.

1988 - Eleito Presidente da Ordem dos Músicos/RS; em sua gestão é criada a carteira de músico regionalista.

1989 - Volta para a cidade natal, Quaraí, para assumir a Secretaria Municipal de Cultura. Passa a atuar na Rádio Quaraí. Recebe, da Ordem dos Músicos, o Prêmio Especial do Dia do Músico.

1990 - Recebe, da Rádio São Miguel, o título de Pioneiro da Composição de Milonga em Língua Portuguesa.

1995 - Lança o CD *Versos e Cantigas de Luiz Menezes e Dorwal Dias*.

1999 - Homenageado com o Troféu Guri (RBS) na Expinter.

2000 - Edita livro sobre a história de Quaraí (em poemas), intitulado "120 Anos de Emancipação". Em literatura, teve ainda quatro livros de poesia editados pela Martins Livreiro: "Tropa Amarga", "Além do Horizonte", "Chão Batido" e "Luiz Menezes - 50 Anos de Poesia". Em música, além de seus quatro discos solo e participações em coletâneas, tem mais de cinquenta músicas gravadas por vários intérpretes.



Ao receber o Troféu Guri.



Depoimentos

Fonte: Entrevista para Airton Pimentel e IGTF.

"As grandes distâncias enfrentadas na solidão dos pampas pelo gaúcho de antigamente fez dele um seresteiro nato. Até quando canta uma toada, isso transparece, essa tristeza natural das coxilhas e da pampa sem fim. Há a alma da milonga nisso e também do fado. Existem dois tipos de milonga: a galponeira e a ciudadina (citadina). A primeira vez que ouvi falar em música missioneira foi com Noel Guarany. A milonga que nós, da fronteira, fazíamos, tinha a ver com a chamada música de tierra a dentro e não com a dos payadores missioneiros."



Com o grande músico argentino, Lúcio Yanel.

Luiz Menezes é reconhecido por pesquisadores, como Apparício Silva Rillo, como o primeiro a cantar milonga em português. Ocorre que nos anos 50, no auge do sucesso em rádio, era seguidamente criticado por exagerar em expressões castelhanas e utilizar em demasia o sufixo "ito" (piaquito, tropeirito...). Um dia, uma destas críticas foi publicada em um jornal. Em resposta, compôs e executou no rádio a canção *Milonga de Contrabando*, apontada como pioneira do gênero em português: *"Velha milonga argentina, uruguaia e brasileira / contrabandeaste a fronteira na alma dos payadores / sempre a falar dos amores / na tua rima baguala / se diferente na fala / e no cantar de cada um / tens uma pátria comum / no pampa a todos iguala"*.



Na presidência da OMB-RS.

"O José Mendes (autor de Pára, Pedro), me comoveu com uma história. Disse, uma vez, que estava cansado de tocar no 'Grande Rodeio Coringa' e nada acontecia, ninguém o chamava para shows. Um dia eu disse para ele que tinha uma voz bonita, que devia cantar mais próximo do gênero gauchesco, ele me fez lembrar disso e arrematou: aquilo mudou a minha vida, porque eu já estava arrumando as malas para voltar para Vacaria."



Antonio Gabriel, Luiz Menezes, e Paixão Côrtes.



" Sempre defendi a tese da 'pátria gaúcha', já que não tínhamos ritmos só nossos. Quando comecei no rádio, no programa 'Campereadas', sempre falava para o Lauro Rodrigues para fazer inovações, mas ele era radical, só queria chotes e habanera, que aliás são ritmos importados. Em que pese a importância dele como poeta e radialista e o impulso que deu para o regionalismo, ele era radical com essas coisas. Eu já era mais romântico, preferia enaltecer a mulher do que o gado, os cavalos e as tropereadas. Por que, usando bombacha, eu não posso cantar a ternura do homem? "

" O 'Quitandinha Serenaders', com Alberto e Paulo Ruschel, fez um grande sucesso, cantando Felicidade, de Lupicínio, com sotaque gaúcho. Aquilo reforçou a minha tese de que a música gauchesca, com bons arranjos, poderia dar certo em todo o Brasil. Eu queria uma coisa mais fronteira, mais platina, com sotaque, já o Lauro pendia mais para o lado lusitano. Fiz músicas

galponeiras, milongas e zambas. Eu era combatido por isso, por querer fazer do pampa uma coisa integrada, mas, engraçado, o público aceitou a minha música. "

" A música que nós vínhamos fazendo, foi recebendo um novo tratamento, novas dimensões, isto se consolidou nos festivais. A beleza atual da música popular gauchesca se deve muito aos festivais. Levou uns vinte anos, mas então começou a predominar a milonga. Os festivais precisam ser sempre corrigidos em algumas coisas, mas são altamente benéficos para a nossa cultura musical. Só não devem ser amontoados um em cima do outro. Há festivais demais. Numa Califórnia chegou a ter uma só música concorrendo em uma das linhas! O movimento nativista e os festivais propiciaram o aparecimento de artistas que não tinham acesso ao rádio. Esta renovação parou no tempo; os sucessos de hoje são os mesmos de vinte anos atrás. Fundamentalmente os festivais foram a substituição dos programas de auditório. "



Luiz Menezes com seus troféus em Quaraí-RS.



Milonga de Contrabando

Milonga

Letra e Música:
Luiz Menezes

1 *Em* *B7* *Em*
 VIZ HA MI LEN GAAR QEN TI NA, U RU QUAI AE BRA SI LFI RA CON TRA HAN DEAS TEA FRON TI

4 *B7* *Em*
 RA NA AL MA DOS FA YA DO RES SEM PRELA FA LAR DRE A

6 *B7* *Em* *B7*
 MO RES IOM GR MA RI MA HA GUA LA SE DI FE REN TE NA FA LA NO CAN TAR DE CA DA

9 *Em* *Am* *Em*
 UM DES ES TA PÁ TRIA CO MUM NO CAM FA TO DOR T GUA LA

11 *Em* *B7* *Em*
 FER COR REN DUA TUI TE RI A VE LHA MO LOS GA CAM FER RA QUE NAS CAR PAS DE CAR

16 *B7* *Em* *B7*
 ME RA SEM TRUM TI TOBO SE DES TA PA MI LON GA DE GEN TE GUA PA SUS TI HAS TEM DEB DO

19 *Em* *B7* *Em*
 VEM TA TONAS HA GUA TONOR TONAS DO CCA CCA SI TIA MAZ CA FA TU TEA HA CHA MA HIC PAI DOR PA

22 *Am* *B7* *Em* *Em*
 MA DO QUAN DADO CAN TAR TU FLO REI O MI LON GA QUE NOS TEA

26 *B7* *Em*
 DEN TRO VI VE A RON DAR OS FO GOS FA LAN DOEM RE VO LU

28 *B7* *Em* *B7*
 COR EM EN TRE VIZ NOS DEA DA GA MI LON GA QUE NAO SEA FA GA DO RI TU AL NO RON

31 *Em* *B7* *Em* *E7* *Em*
 CHU RO QUE TO DOO U DRO DRA VIO DES DO BRA MPO FA CRO LA QUAN DADO CAN TAR SE COM

34 *Am* *B7* *Em* *B7*
 SO LA BOM BOM DRO CA TNE VA 22 G FOR SE SO VE LHA MO LOS GA JA CA LE JA DO DRO

37 *Em* *B7* *Em*
 A NOS VIM CAN TAR MEUS DE SIN GA NOS DOS QUAN NAO GUAR DO RAN CO REE SLO PE NAS DOS MEUS A

40 *B7* *Em* *B7*
 MO RES QUE FU GITAR DON DUA LO LAR GO CA DA UM TEM A SEM CAR GO UM DES TI NO QUE LHE

43 *Em* *E7* *Am* *B7* *Em*
 GUA A EAS FE NAS SLO I RO SI AS ICI ICI CH MA VE A MAR DO

Transcrição de partitura por Michel Dorfman.



Piazito Carreiro

Milonga

Letra e Música:
Luiz Menezes

1. PI - A - ZI - TO CAR - RE - TEI RO ... DE BOM - BA - CHA RE - MEN -

DA DA ... VAI CAN - TAN - DO PE - LES - TRA - DA A CAN - ÇÃO DO BOI BAR -

RO - SO QUE A TRA - DI - ÇÃO LHE EN - SI - NOV ... PI - A - ZI - TO CAR - RE - TEI - RO ...

... DE CUS - CUA - MI - GOS COM - PA - NHEI - RO ... QUE NUN - CA TE - VE - JIN -

FÂN - CIA PÓIS NÃO PÓ - DE SER CRI - AN - ÇA POR - QUE A SOR - TE NÃO DEI - XOU ... E CAN - TAN - DO LÁ SE

VAI ... Ê - RA Ê - RA Ê - RA BOI DO PON - T'A

NÓS JÁ TE - MO CHE - GAN - DO ... E CAN - TAN - DO LÁ SE

VAI ... Ê - RA Ê - RA Ê - RA BOI DO COI - CE ...

SE - QUÊO PIA - ZI - TO CAN - TAN - DO ... Fine



Índice

Motivo das Capas

1- A Primeira Metade do Século XX (especial) * - Chão de Tijolo
2- Os Bertussi/Paulo Ruschel - Chão de Taquaral
3- Barbosa Lessa/Paixão Côrtes - Erva Mate
4- Túlio Piva/Luiz Menezes - Tampo de Violão
5- Gildo de Freitas/Teixeirinha - Bombacha e Laço de Couro
6- Telmo de Lima Freitas/José Mendes - Crina de Cavalo
7- Leonardo (e "Os 3 Xirús") /Berenice Azambuja - Assoalho de Salão de Baile
8- Os Poetas (especial) ** - Céu de Porto Alegre no Verão
9- Os Fagundes (especial) ** - Fogo de Chão
10- Giba Giba/Airton Pimentel (e "Os Araganos") - Parede de Costaneira
11- Geraldo Flach/Bedu - Janelas da Usina do Gazômetro (POA)
12- O Pop Rock no Rio Grande do Sul (especial) ** - Guitarra Elétrica
13- Carlinhos Hartlieb (e Mutuca) / Hermes Aquino - Escadaria da Rua 24 de Maio (POA)
14- Ivaldo Roque/Jerônimo Jardim - Escultura Natural em Madeira
15- Gaúcho da Fronteira/Luiz Carlos Borges - Moirão com Arame
16- Fernando Ribeiro/Mário Barbará - Cobertura do Auditório Araújo Vianna (POA)
17- Raul Ellwanger/Nelson Coelho de Castro - Margem do Rio Guaíba (POA)
18- Almôndegas/Kleitton & Kledir (especial) ** - Cuias
19- Plauto Cruz/Fogaça - Areia de Beira de Rio
20- Noel Guarany/Cenair Maicá - Parede de Taipá
21- Bebeto Alves/Vitor Ramil - Campo
22- Nei Lisboa/Gelson Oliveira - Semáforo
23- Renato Borghetti/João de Almeida Neto - Boleadeiras
24- Elton Saldanha/Zé Caradípia - Violão e Calçada da Rua da República (POA)
25- Humberto Gessinger/Júlio Reny - Interior de Aparelho Valvulado
26- Tangos & Tragédias/Tambo do Bando - Fachada do Theatro São Pedro (POA)
27- Adriana Calcanhotto/Totonho Villeroy - Detalhe de Grafite
28- Nenhum de Nós/Papas da Língua - Conexão de Rede Elétrica
29- A Novíssima Geração (especial) ** - Sinalização de Asfalto
30- Grandes Contribuições à Música do Rio Grande do Sul (especial) *** - Gaita

* O fascículo 1 inclui material introdutório referente à primeira metade do século XX, com destaque biográfico para Lupicínio Rodrigues e Pedro Raymundo.

** Os seguintes fascículos especiais destacam, respectivamente:

8) Os Poetas : Lauro Rodrigues, Jayme Caetano Braun, Glaucus Saraiva, Apparício Silva Rillo, Sérgio Napp, Luiz Coronel, Luiz de Miranda e Dilan Camargo.

9) Os Fagundes: Darcy, Antônio Augusto, Bagre, Neto, Ernesto e Paulinho Fagundes.

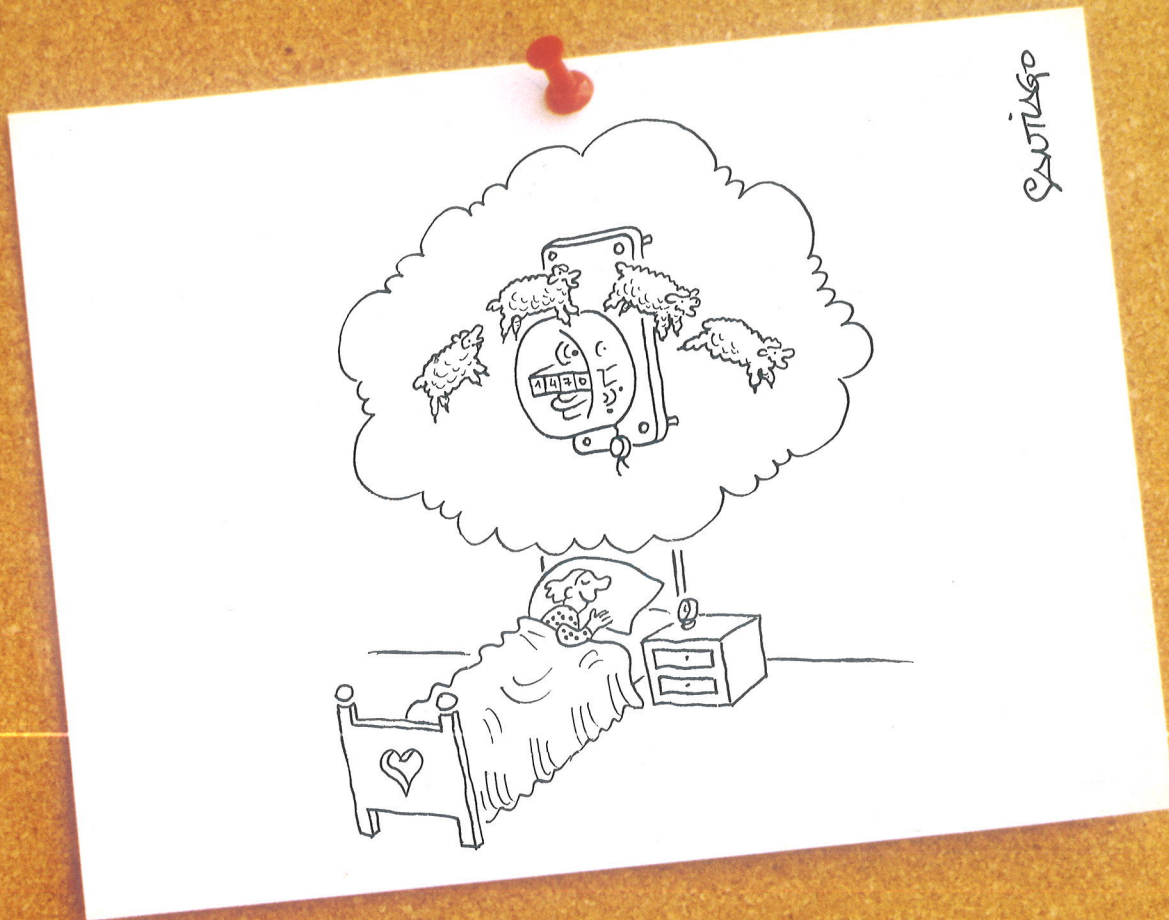
10) Rock: Grupos, bandas e conjuntos de rock (e/ou poprock) dos anos 60 até o ano 2001.

18) Almôndegas (as várias formações) e Kleitton & Kledir.

29) A Novíssima Geração: Músicos, compositores e gêneros surgidos nos anos 90.

*** O fascículo 30 destaca algumas personalidades, músicos ou não, que contribuíram significativamente para o desenvolvimento da música do Rio Grande do Sul na segunda metade do século XX: Elis Regina, Rubens Santos, Lourdes Rodrigues, Os Grandes Conjuntos da Música Regional (Conjunto Farroupilha, Os Gaudérios, Os Serranos, Os Tapes), Demosthenes Gonzalez, Hardy Vedana, Colmar Duarte, Ary Rêgo, Glênio Reis, Júlio Fürst, Ayrton dos Anjos, Juarez Fonseca, Arthur de Faria, Los Hermanos, "Legião Estrangeira", Dedé Ribeiro, Alfred Hülsberg, José Carlos Lima e O Disco Independente.

Obs : todos os fascículos qualificados como "especiais" têm formato diferenciado do projeto normal de duas biografias por fascículo.



Energia e Cultura iluminando os gaúchos.

LIC
Lei de
Incentivo
à Cultura
Estado do Rio Grande do Sul



www.cee.com.br



GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular
Secretaria de Energia, Minas e Comunicações
Secretaria de Estado da Cultura